

Empresas se unem pelo fim da violência contra mulheres e meninas

Dados do Ipea mostram que 52% das mulheres no mercado já foram agredidas. Perdas chegam a R\$ 975 milhões por ano com o custo das faltas provocadas por violência doméstica

Daniela Grelin

8 de outubro de 2019

ANDRE FELIPE VIEIRA/FOLHAPRESS



Efeitos da violência doméstica também têm impacto no ambiente de trabalho

A violência contra mulheres e meninas é um problema sistêmico e complexo. Não se presta a simplificações, nem se deixa resolver por soluções unidimensionais. Podemos entendê-lo melhor ao representá-lo por meio de um iceberg.

Acima do nível da água, estão os eventos que nos interpelam. Por exemplo, em junho de 2016, nós da Avon, perdemos uma colega, também chamada Daniela, como eu, vítima de um feminicídio bárbaro em Simões Filho, Bahia. Aquele não foi o único caso de feminicídio naquele dia. Estima-se que ocorram 13 feminicídios por dia no Brasil. Sem considerar as outras formas de violência previstas na lei Maria da Penha, mais invisíveis, mas igualmente perversas, como a violência psicológica, a violência patrimonial, a violência sexual ou a violência moral.

Cada um destes eventos corresponde a padrões de comportamento. Estes padrões de comportamento afetam diretamente as mulheres que trabalham e suas empresas. Segundo dados do Ipea, entre as mulheres que estão no mercado, 52% já foram agredidas. Sim, é assustador assim.

Aprofundando-nos mais um nível na analogia do iceberg, chegamos às instituições afetadas por este problema. Aí estão as famílias, as escolas, as instituições governamentais, as igrejas, as empresas. As empresas são uma parte fundamental deste ecossistema e uma das instituições de quem mais se espera soluções inovadoras. Assim aponta a última pesquisa da Edelman chamada *trust*

barometer, mostrando que 73% dos brasileiros acreditam que os CEO's deveriam liderar as mudanças, em vez de esperar que o governo as imponha.

Soma-se a esta expectativa o fato de que a violência doméstica afeta financeiramente as empresas. Segundo pesquisa da universidade federal do Ceará, na pesquisa de condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher (PCSVDF mulher), estima-se que as empresas percam anualmente R\$ 975 milhões com os custos do absenteísmo decorrente da violência doméstica e familiar. Isto para ficar apenas nos custos diretos do absenteísmo.

Sabemos que os efeitos da violência doméstica no ambiente de trabalho vão muito além, impactando a saúde mental, a capacidade laboral, a produtividade, a exposição à acidentes, os custos com cuidados médicos e a estabilidade das trabalhadoras, com impactos também sobre os colegas.

Voltando ao modelo do iceberg, na base de tudo estão os modelos mentais que permeiam nossas percepções, comportamentos e ações. É fácil reconhecer os modelos mentais. Por exemplo: em briga de marido e mulher... bem, estes paradigmas culturais permeiam os valores, atitudes e comportamentos em todos os níveis da organização. Portanto, uma mudança profunda e sustentável pressupõe ações preventivas, políticas de acolhimento e apoio à vítima e uma transformação cultural de longo prazo.

Diante desta realidade, um grupo de empresas se uniu no final de agosto deste ano para formar uma coalizão empresarial pelo fim da violência contra mulheres e meninas. A partir de uma iniciativa liderada pela Avon, com parceria estratégica da ONU Mulheres, Fundação Dom Cabral e consultoria técnica do Instituto Avon, este grupo, que já reúne mais de 50 empresas signatárias em seu primeiro mês de fundação, realizou a sua primeira oficina de conscientização e troca de experiências.

A coalizão se propõe a ajudar as empresas a saírem da negação, passarem pelo engajamento e se tornarem referência e multiplicadores de boas práticas neste tema.

Seja por que interessa aos negócios, seja pela mudança social que podem promover, as empresas têm desafiado a noção de que custa caro investir na soluções de certas questões sociais prementes. A verdade é: o custo econômico da negação é bem maior e o custo humano, incalculável.

Daniela Grelin

Diretora do Instituto Avon

<https://backup.forumseguranca.org.br/economia-e-seguranca/-a3zzg>

